

BLOG: SUPORTE JORNALÍSTICO

Dinora Marques Fraga *
Maurício Campos **

Resumo: Os *gêneros discursivos* são bem definidos e podem ser diferenciados de *suporte de gênero*. No entanto, com o advento de novas tecnologias de comunicação, novas mídias, hoje alguns gêneros se confundem com suporte e vice-versa. Os gêneros discursivos estão em ebulição constante: em determinados momentos surgem novos gêneros, em outros, sofrem uma transformação. Com o advento da internet surgiram novos suportes e gêneros, sendo uma dessas novas ferramentas o *blog*, que está sendo muito utilizado por jornalistas, vinculados a algum meio de comunicação, como: jornais, emissoras de TV e rádio, empresas jornalísticas constituídas, tanto como por jornalistas autônomos, que acreditam que o *blog* seja uma forma para noticiarem e produzirem informação com mais liberdade. Muitos profissionais da imprensa fizeram com que o número de *blogs* crescesse nos últimos anos. Segundo Ferrari (2009), a tendência é que o número de *blogs* efetivamente constituídos cresça razoavelmente nos próximos anos. Essa nova tecnologia de informação é utilizada como fonte de informação por muitas empresas jornalísticas. Este artigo busca fazer uma análise deste meio, à luz do pensamento bakhtiniano, com o objetivo de mostrar que, embora o *blog* se confunda com gênero discursivo, ele se configura definitivamente como suporte jornalístico.

Palavras-chave: Gênero discursivo. Suporte de gênero. Blogs.

BLOG: JOURNALISTIC SUPPORT

Abstract: Discursive genders are well defined and, until now, may be distinguished from support of gender. However, with the advent of new communication technologies, new media's, today many genders may be confused with support and vice-versa. Discursive genders are in constant ebullience: at certain moments appear new genders; at others they undergo transformations (Bakhtin, 2011). With the internet arrival, appeared new supports and genders - the blog among them - very used by journalists involved with communication means, such as newspapers, TV and radio stations, established journalistic companies, and used by autonomous journalists that use blogs for notice and produce information with largest liberty. Many press' professionals collaborated for blogs enlargement. According Ferrari (2009), the tendency is that number of constituted blogs will be increasing at next years. This information disclosure new technology is used by many journalistic enterprises. This article wants make a bibliographic analysis of that tool, under the light of Bakhtin's theory, with the aim of show that the blog, in reality, is a gender support and not a gender.

Keywords: Discursive gender. Gender support. Blogs.

Introdução

Com o advento de novas tecnologias surgiram ferramentas que se firmaram como instrumental de comunicação, como o *twitter*, *e-mails*, *blogs* e *sites*.

O presente artigo tem a finalidade de promover uma reflexão sobre a ferramenta *blog*, mais especificamente, com o intuito de verificar a luz de Bakhtin (2011), Pollyana Ferrari (2009), Octavio Rojas Orduña (2007) e Felipe Pena (2005), se essa ferramenta pode ser considerada um gênero jornalístico.

Apresentaremos a seguir uma breve história do jornalismo e posteriormente uma discussão com o intuito de dirimir possíveis arestas e chegar ao nosso objetivo, que é uma aproximação à comprovação do *blog* como um gênero jornalístico ou não.

Tal trabalho foi apresentado como monografia do curso de graduação de Comunicação Social da URCAM/Bagé, em 2010 e volta a ser estudado no Mestrado em Letras da Uniritter, pois acreditamos que a relevância desse estudo pode contribuir para que os estudiosos das duas áreas – Letras e Comunicação – possam dar prosseguimento a seus estudos com uma pergunta a menos – a de que *blog* é ou não gênero discursivo.

1 Gêneros discursivos

Mikhail Bakhtin (2011) entende por gêneros discursivos as enunciações que fazemos em nossas diversas atividades diárias como trabalho, política, religião; entende que uma carta de amor é um gênero assim como um poema e uma reportagem em um jornal, porém de conteúdos e estilos diferentes (BAKHTIN, 2011; FIORIN, 2008).

Os gêneros discursivos foram divididos em primários e secundários por Bakhtin (2011). Tais gêneros nos transmitem a riqueza da complexidade da relação humana e de suas diversas áreas de atuação. O discurso primário é o discurso simples, como piadas e conversas familiares, já os secundários são os discursos mais complexos, como os discursos filosóficos, religiosos, políticos e acadêmicos.

Nós, seres humanos, agimos em diversas esferas da sociedade, em várias atividades como escola, trabalho, casa, amigos, igreja, etc. Essas diversas atividades nos exigem diversos enunciados – diversos gêneros como bate-papo, discurso político, acadêmico e tantos outros. Para ratificar o exposto acima usaremos a citação de José Luiz Fiorin (2008).

[...] essas esferas de ação ocasionam o aparecimento de certos tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e que mudam em função de alterações nessas esferas de atividade. Só se age na interação, só se diz no agir e o agir motiva certos tipos de enunciados, o que quer dizer que cada esfera de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis de enunciados. (FIORIN, 2008, p. 61).

Os gêneros discursivos são tipos de enunciação, tipos de enunciados relativamente estáveis, possuem um conteúdo, possuem um estilo e uma forma estabelecida (BAKHTIN, 2011).

Os gêneros fazem uma conexão da linguagem com a vida social, estão sempre vinculados a uma área da atividade humana; o conteúdo não é o foco, mas sim o domínio de sentido que o gênero exerce sobre ele (FIORIN, 2008).

Os gêneros possuem uma grande riqueza devido a ação humana que é variável e infinita. Devido à inesgotabilidade da ação humana, os gêneros estão em constante transformação, a internet é um exemplo atual de mudança, de surgimento de um novo gênero, como afirma Fiorin.

Não só cada gênero está em incessante alteração; também em contínua mudança está seu repertório, pois à medida que as esferas de atividade se desenvolvem e ficam mais complexas, gêneros desaparecem ou aparecem, gêneros diferenciam-se, ganham um novo sentido. Com o aparecimento da internet, novos gêneros surgiram: *chat*, *blog*, *e-mail*. A epopéia desaparece e dá lugar ao novo gênero. (FIORIN, 2008, p. 65 – grifos do autor).

O gênero discursivo não é de uma forma linguística, mas sim de um caráter enunciativo que depende mais do contexto e da cultura do que da própria palavra, os gêneros discursivos são dispositivos de organização, de troca, armazenamento, transmissão e acima de tudo de criação de mensagens em diferentes contextos culturais. Na sala de aula há vários tipos de gêneros, em uma sede de partido político há outros, em uma igreja outros e assim sucessivamente (MACHADO, 2008). Os gêneros discursivos estão em várias atividades sociais da vida, entre elas na área jornalística (PENA, 2005).

2 História do Jornalismo

A história do jornalismo pode se caracterizada por uma inicial produção artesanal em forma de livro e uma posterior evolução, passando por distintas fases. A primeira localiza-se em meados de 1789 a 1830, e se caracteriza pelo conteúdo político, com textos críticos sobre a situação econômica da época, era comandado por políticos e intelectuais. A segunda fase vai de 1830 a 1900, quando se tornou uma imprensa de massa e deu-se início à profissionalização do jornalismo. Surgem assim as reportagens, as publicidades e as empresas jornalísticas. A terceira fase é

de 1900 a 1960, época em que o jornalismo ficou marcado como imprensa monopolista com grandes tiragens de jornais e fortes grupos editoriais que monopolizaram o mercado da época.

Por fim, a quarta fase, que se localiza de 1960 até os dias de hoje, é caracterizada pela informação eletrônica, interativa e instantânea. Com o surgimento de novas tecnologias o jornalismo sofreu modificações, o que gerou uma crise na imprensa (PENA, 2005).

O jornalismo possui alguns gêneros, pois o texto é de alguma categoria de discurso, essas categorias ou gêneros representam a necessidade da vida diária, necessidade de comunicação social, necessidade de nos comunicarmos uns com os outros e buscarmos informações nos diversos meios de comunicação existentes, portanto, não podemos ignorá-los, tanto que Bakhtin afirma que a palavra é indissociável do discurso (PENA, 2005).

O jornalismo vem mudando, como muitas outras áreas, com o passar dos tempos, as novas tecnologias trouxeram dinamismo e instantaneidade para os jornais. A internet iniciou no Brasil nos anos 90, quando as empresas jornalísticas começaram a usá-la como mecanismo de divulgação de informações. No ano de 1995 surgiu o primeiro *site* jornalístico, o portal do Jornal do Brasil seguido rapidamente pela Rede Globo e sucessivamente por outras agências como Agência Estado e Agência de Notícias (FERRARI, 2009).

3 Discussão

Os gêneros estão em constante transformação, assim foi com a carta que hoje pode ser substituída pelo *e-mail*; o ramo do jornalismo agregou gêneros, começou com a mídia impressa, logo após adentrou o rádio e posteriormente a televisão, por último veio a internet com *twitter*, redes sociais, *sites* e portais. Devido a isso podemos entender que o *blog*, mais especificamente, já se estabeleceu como gênero discursivo, assim como afirma Fiorin (2008):

Não só cada gênero está em incessante alteração; também está em contínua mudança de repertório [...] Com o aparecimento da internet, novos gêneros surgiram, tais como *blog*, *e-mail*, *chat* e assim por diante. (FIORIN, 2008, p. 65 – grifos do autor).

Embora o *blog* já possa ser considerado como gênero discursivo, como afirma Fiorin (2008), ele – *blog* – não é considerado um gênero jornalístico para Pena (2005). Para o autor, pelo fato de ter surgido como uma forma de diário pessoal de internautas adolescentes, o *blog* pode ser gênero, mas não jornalístico, pois não informa, não atualiza, não noticia, não busca a informação e nem os fatos reais do mundo a nossa volta (PENA, 2005). O *blog* é sim um gênero de desabafo juvenil e de quem necessita de atenção. Os gêneros jornalísticos, por sua vez, vieram se moldando com o tempo e hoje são estabilizados no meio, são eles o artigo, a reportagem, o editorial, a crônica, a notícia, entrevista, crítica e caricatura (PENA, 2005).

Os *blogs* são páginas pessoais da *web* que facilitaram com que milhares de pessoas pudessem extravasar seus sentimentos. A questão de permitir que seus autores ou autoras pudessem escrever o que bem entendessem facilitou a sua multiplicação pelo mundo, um meio pelo qual as pessoas poderiam se expressar sem censura, sem cortes, ou seja, desabafar (ORIHUELA, 2007).

Esse meio livre de censura atraiu os jornalistas. Hoje em dia há centenas de jornalistas utilizando o *blog* para poder escrever ou postar com mais liberdade as notícias e seus artigos, fato que não ocorre em uma empresa jornalística.

Há os chamados *freelances* que utilizam os *blogs* para se manterem no mercado, publicam notícias e informações de hora em hora – o que serve de fonte para muitas mídias tradicionais. Os próprios meios de comunicação constituídos como Revistas, TVs, Rádios e Jornais já possuem *blogs* de vários conteúdos informativos. Grande parte dos *blogs* já estão profissionalizados, ganham por cliques e através de patrocínios expostos em suas páginas. Assim, acreditamos que dentro em breve o mundo dos *blogs* ou blogosfera vai ser profissionalizado totalmente, já que jornalistas, comunicadores, publicitários ganham para manter seus *blogs* atualizados, visto que se há leitor existirão cliques e se existem cliques há patrocínio (ORIHUELA, 2007).

As notícias são as mesmas da mídia tradicional, porém os *blogs* utilizam uma nova forma, uma linguagem específica da internet e permitem, diferentemente da TV, do rádio e do jornal, que as informações fiquem disponíveis a qualquer momento aos leitores e leitoras (VARELA, 2007).

O conceito de *blog* jornalismo ainda encontra dificuldade entre os teóricos do jornalismo digital, pois os termos *webjornalismo*, *jornalismo online* e *ciberjornalismo*

não se definem independentemente, alguns teóricos do jornalismo digital o definem como a disponibilização de informações e fatos em um novo ambiente, o ambiente virtual (PENA, 2005).

Contudo, mesmo sem uma conceituação que o defina, o jornalismo virtual influenciou e provocou mudanças na vida humana em vários aspectos. Na área do jornalismo tradicional, todos os veículos foram influenciados pelo *blog* como novo meio de disponibilizar as notícias. Porém, o ambiente da internet apresenta uma descentralização da informação graças ao grande nicho que ela proporciona como: portais, *sites* e *blog* – estes últimos são denominados pejorativamente por alguns comunicadores como “jornalismo de pijama”, porque alguns jornalistas publicam ou postam em seu *blog* sem averiguar a informação, sem ir atrás da fonte, o que o torna suspeito. No entanto, blogueiros já questionaram a veracidade de centenas de fatos envolvendo políticos e devido a isso alguns medalhões do jornalismo foram obrigados a se demitir, como foi o caso do apresentador Dan Rather que divulgou informações de como o ex-presidente americano George W. Bush teria escapado da guerra do Vietnã. Blogueiros daquele o país foram atrás da informação e descobriram que a notícia divulgada pelo jornalista era falsa. Mesmo não simpatizando com o presidente Bush, os blogueiros se sentiram na obrigação de defendê-lo e de fazer com que a verdade vigorasse (PENA, 2005).

Cada gênero tem uma forma e sucessivamente uma função como, por exemplo, uma receita possui o objetivo de formatar um bolo, um pão caseiro; a publicidade tem o objetivo de vender determinado produto, uma reportagem tem por objetivo informar e noticiar seu público alvo, no entanto, não é a forma e nem o estilo do gênero, mas sim sua função que o define (MARCHUSCHI, 2008).

Os gêneros possuem formas diversas, pois uma carta pode ser escrita como uma receita, um poema, uma publicidade em forma de bula de remédio, isso firma a dinamicidade dos gêneros, que se dividem em intergenericidade e heterogeneidade tipológica – o primeiro é um gênero com função de outro, como poema em um artigo de jornal, já o segundo é a presença de vários gêneros em um (MARCUSCHI, 2008).

Marcuschi (2008) diz que há uma discussão não muito explícita sobre as questões do suporte do gênero e usa como exemplo a embalagem de um produto que segundo o autor é um suporte e não um gênero.

O suporte é indispensável para que o gênero circule na sociedade, mas não determina o gênero, um poema pode ser escrito em um jornal – que é suporte de

gêneros jornalísticos, um poema pode ser escrito em um telegrama, que é suporte de mensagens telegráficas (MARCUSCHI, 2008).

Entendemos que o *blog* não é um gênero como afirma Fiorin (2008), mas sim um suporte de gênero. Discordamos de Pena (2005) quando ele afirma que o *blog* é um gênero juvenil, adolescente de desabafo.

Para justificar nossa discordância com relação aos teóricos citados acima, nos baseamos em Marcuschi (2008), ele faz uma analogia sobre jornal, portal, *site* e *blog*. De acordo com o autor, *blog* é como o jornal, ou seja, um suporte de gênero, pois nele pode ser escrito uma declaração de amor, uma poesia, uma notícia, uma reportagem, um artigo, enfim todos os gêneros que desejarmos.

Acreditamos ter conseguido responder ao questionamento suscitado no início deste trabalho e contribuído para com outros estudiosos sobre tal assunto.

Considerações finais

Para finalizarmos o presente artigo podemos afirmar, baseados nas pesquisas bibliográficas expostas anteriormente, que os *blogs*, hoje em dia, são uma importante ferramenta jornalística e se firmam definitivamente como suporte do gênero jornalístico, pois nos *blogs* podem ser publicadas entrevistas, reportagens, artigos jornalísticos, crônicas, charges e assim por diante. Podemos dizer que o *blog* é um suporte de gênero jornalístico em geral assim como o jornal é para a reportagem, para o artigo, para a entrevista e o folder é para a publicidade.

O *site* é um suporte e não um gênero e a *homepage* é um gênero, contudo, se analisarmos um *site* ele vai trazer o texto institucional de determinada empresa, os textos de seus colaboradores e uma série de gêneros. Partindo desse princípio poderíamos comparar o *blog* com um *site*, pois traz gêneros específicos, um de cada vez, mas no mesmo espaço. No entanto, Marcuschi afirma que o *folder* não é um gênero e sim um suporte, pois serve tanto para gêneros publicitários quanto para protestos e *folders* demonstrativos (MARCUSCHI, 2008, p. 182).

Devido a isso concluímos que o *blog* é um suporte, pois pode trazer poesia, diários, cartas, textos diversos, textos publicitários e textos jornalísticos, assim como o *folder* ou *site*. O suporte *blog*, embora possua uma linha tênue para com o gênero, pois pode ser considerado uma *homepage* – que é um gênero textual dentro de um *site*, pois a *homepage* pode ser acessada através de mecanismos hipertextuais

dentro de um *site*, tais mecanismos somente a cultura digital permite, pois em um texto impresso não há como haver *homepages*, embora haja hipertextos, portanto podemos dizer que o *blog* não é considerado gênero jornalístico, pois ele traz diversos gêneros no seu interior.

Para Felipe Pena (2005) os gêneros jornalísticos estão bem definidos e são utilizados em um suporte – o jornal. Portanto, podemos entender que um artigo, uma crônica, uma reportagem, podem ser publicadas, escritas ou postadas em um *blog*, mas este – o *blog* – não vai ser um artigo, uma reportagem e sim um suporte dos textos, uma ferramenta jornalística.

Orihuela e Varela (2007) provam isso ao mostrarem que centenas de jornalistas e meios de comunicação aderiram ao *blog* para poderem ter mais credibilidade e liberdade, além do *blog* ser usado como fonte em diversas ocasiões, como por exemplo, no caso da morte do cantor *pop* Michael Jackson – tal notícia foi divulgada primeiramente pelo *blog* de bastidores das estrelas TMZ, após a confirmação da veracidade do fato a mídia mundial tradicional noticiou o ocorrido. Assim também aconteceu recentemente com o ator americano Paul Walker, que morreu em um trágico acidente de automóvel e o primeiro veículo a noticiar foi o *blog* da empresa de comunicação CNN – isso fez com que em instantes o fato tomasse conta das redes sociais e virasse pauta da imprensa mundial, no dia seguinte.

Contudo, os estudos deste assunto não podem parar ou ficar estanques, pois a tecnologia está cada vez mais avançada e devido a isso sugerimos que os *blogs* e seus conteúdos venham a ser pesquisados, dentro de alguns anos, pois podem surgir novas ferramentas e estes se extinguirem, ou mesmo, virem a se tornar uma profissão que podemos denominar, no momento, de “*blog* jornalismo”. Tal mudança poder vir alterar por completo seu status, pode torná-lo gênero, ou mesmo, mantê-lo como suporte.

Notas:

* Dinora Moraes de Fraga é docente do Centro Universitário Ritter dos Reis – UniRITTER/RS. Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (1992), tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: ambiente digital, ambiente virtual de aprendizagem, tecnologia, games e ensino aprendizagem de línguas. Desenvolve estudos no campo da semiótica, como teoria para compreensão das linguagens multimodais em contextos digitais. Participa de grupos que estudam as concepções de inter e transdisciplinaridade como paradigma científico pós moderno. Decorrente dessa ênfase surgem seus estudos sobre

como pensar a ciência e sobre a concepção de espiritualidade e paz. E-mail: dradmf@terra.com.br

** Maurício Campos é Mestrando em Letras pela Universidade Riter dos Reis – UNIRITTER/RS e Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade da Região da Campanha/URCAMP – Bagé/RS. E-mail: maucamp@bol.com.br

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Dialogismo e construção do sentido**. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 1997.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

ORIUELA, José Luis; ORDUÑA, Octavio Rojas; ALONSO, Julio; ANTÚNEZ, José Luis; VARELA, Juan. **Blogs – Revolucionando os Meios de Comunicação**. São Paulo: Editora Thomson, 2007.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

Recebido em: setembro de 2014.

Aprovado em: dezembro de 2014.